

Cinform

25 de Novembro a 1
de Dezembro de 2013



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO

Grande Aracaju na Idade da Pedra

■ Cleverton de Oliveira Santos trabalha como carroceiro há cinco anos. Com três cavalos, ele vai tocando o pequeno negócio familiar. Enquanto espera a encomenda, o carroceiro admite que o trabalho é árduo. Mas a renda é razoável. E quando o cliente é bom, Cleverton faz até R\$ 100 por dia.

Os cuidados com os animais vão desde alimentação e limpeza nos horários adequados, até colocar uma toalha macia entre a focinheira e o focinho para proteção e conforto do cavalo.

“Eu cuido dos meus cavalos. Se eles estiverem machucados, o prejuízo será meu”, argumenta. Mas nem todo carroceiro tem a consciência de Cleverton de Oliveira Santos, de que o animal representa o próprio sustento. “Já vi muita maldade por aí com os animais”, relata Cleverton.

Com jornadas diárias pesadas, das 5h até meia-noite, eles seguem pelas ruas de Aracaju como sombras. Muitos deles sedentos e famintos, mal conseguem se desviar dos carros, enquanto suportam o peso da carroça no lombo: são os burros e cavalos, animais de tração utilizados pelos quase 2.500 carroceiros existentes na Grande Aracaju. Essa classe trabalhadora tem um peso significativo.

Ano passado, o Ministério Público do Estado de Sergipe e a Superintendência Municipal dos Transporte e Trânsito chegaram a discutir, em audiência, a situação dos carroceiros.

Não é raro ver as mesmas cenas, até altas horas da

madrugada, de animais suportando cargas além da capacidade, sem nenhuma fiscalização.



Eu cuido dos meus cavalos. Se eles estiverem machucados, o prejuízo será meu”

Cleverton de Oliveira Santos,
carroceiro

Que o digam os próprios donos de material de construção. Sidney Meneses é um desses empresários a observar o quadro. Dono de uma loja no Bairro América, ele diz que reclama direto contra aqueles que maltratam os cavalos.

Somente nas imediações do Bairro América, do Novo Paraíso e do Lourival Batista existem aproximadamente 20 carroceiros trabalhando para suprir a demanda de oito lojas de material de construção.

O problema levou até a apresentação, pela Câmara Municipal, de um Projeto de Lei nº 3.502/2007, que criou o Sistema de Registro e Fiscalização de veículos de tração animal e de seus condutores.

No texto, há a pretensão de esclarecer os carroceiros “para que possam refletir sobre suas relações laborais, sociais e ambientais (...)”. Mas, na prática, o projeto ainda não deu frutos. Tudo indica que esteja faltando treinamento de sensibilização. ■

►] COMENTE ESTA MATÉRIA
opine@cinform.com.br